

final do último, são celebrados os valores, a determinação, a perseverança e a coragem dos imigrantes japoneses. É que, de fato, a narrativa mostra como os próprios homens enraizaram-se na terra a ponto de se confundirem com ela, de se identificarem e de a adotarem como seu novo lar. O amor à nova terra era o motivo de alguns colonos continuarem vivendo em Acará, apesar das adversidades. Nesta terra haviam sido depositados seus sonhos, suas forças e, “sem perceber, havia crescido neles um profundo amor” (Tsunoda, 1988 p. 70). No pós-guerra, depois de terem como confirmada a derrota japonesa, o Brasil se torna definitivamente a pátria para Yoshiiti Yamada, personagem principal do romance, e seus companheiros que permaneceram em Acará (p. 125).

À narrativa romanceada alternam-se períodos, às vezes longos, de informações em minúcias, com números, locais, nomes de pessoas referenciais para a colônia, dados históricos. O tom de documentário pode bem ser ilustrado através de algumas passagens, como na questão da cláusula dos trinta por cento (capítulo IV), em dados numéricos sobre as famílias que se retiraram (p. 62), na citação de nomes de médicos e enfermeiras (p. 67), no quebra-quebra por causa do afundamento do navio Baependi (p. 86), na apresentação da progressão do volume de vendas da pimenta (p. 137), na descrição das festividades do trigésimo aniversário da colônia de Acará (p. 154), apenas para citar alguns exemplos. O tom prático e com objetivo patente de registro não apaga, porém, a sensibilidade com que a autora constrói a narrativa, na linha tênue que separa o fato e a ficção.

Em alguns trechos a autora emite a sua perspectiva em terceira pessoa: um relato de um ex-integrante da Escola de Colonização “à autora” (p. 101), o elogio da parte da autora feito aos colonos de Tomé-Açu por não terem desenvolvido nenhum grupo extremista como o *Shindo Renmei* (p. 139)³, a menção de que “a autora teve a sua atenção voltada para o fato de as co-

³ Shindo Renmei significa “Liga do caminho dos súditos” e foi uma organização nacionalista surgida no Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial. Era formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão, os chamados *kachigumi* ou vitoristas. A curta história dessa organização foi contada pelo jornalista Fernando Morais no livro “Corações Sujos” (Companhia das Letras).

memorações terem sido chamadas de *saiten* e não de *shukuten*" (p. 152), por exemplo. No último capítulo, porém, Fusako Tsunoda começa a narrativa em primeira pessoa:

em dezembro de 1965, viajava eu de Belém a Tomé-Açu... Minha impressão, à chegada, foi de que Tomé-Açu era um mundo japonês; e esta impressão foi reforçada ao longo da minha estada (CA, 161).

O fato de que "Tomé-Açu até parecia um território japonês" aos olhos de Tsunoda deriva de ser ela mesma japonesa (Tsunoda, 1988, p. 169). As peculiaridades culturais que diferenciavam os japoneses dos brasileiros faziam com que eles mais se unissem entre si e se afastassem dos nativos. O tempo durante o qual tiveram que trabalhar em silêncio porque era proibido falar japonês só levou a que se aproximassem mais, não o contrário. Com a Segunda Guerra Mundial, os colonos que restaram em Tomé-Açu lutavam para perpetuar sua língua, seus costumes, sua religião.

A importância que os japoneses dão até hoje ao ensino da língua pode ser vista no zelo com que Yamada ensina Hajime, seu filho, e seus netos depois dele; Sueno, sua esposa, sentou-se sobre um dicionário para que não fosse visto por um soldado, quando era ordem confiscar tudo que estivesse escrito em japonês. Ao se despedir de Yamada, Fusako Tsunoda pergunta-lhe se ele deseja algo do Japão e, com muita cerimônia, a única coisa que ele pede é um dicionário (p. 83, 176). Amam a nova terra, sim; mas não desprezam a herança de seus antepassados. O retrato do imperador está destruído, mas ele já não representa de modo inquestionável a terra natal.

Também é demonstrado, de forma delicada, o papel da mulher na colônia. Sueno, Matsu, Mitsuyo, Kiyoko Hiraga, todas personagens que têm em comum a abnegação, a dedicação à família e à comunidade (p. 60, 72-73, 78, 72, 113). Mesmo atingidas pela malária, o primeiro grande desafio dos imigrantes no norte, elas resistem. Sueno pensa no filho que deixou no Japão e pensa que ele deve estar na idade de ir para a guerra; perde dois filhos em

polho; algumas tentativas fracassaram, outras deram certo. Mas somente a pimenta-do-reino, o “diamante negro da Amazônia”, viria a salvar definitivamente o futuro da colônia. É interessante como ninguém acreditou nas “vinte mudas com folhas verde-alface, em forma de coração” (Tsunoda 1988, p. 50). Semelhante foi com os imigrantes no Amazonas, que demoraram a obter a aclimatação e o bom resultado da *juta* – quando o sucesso veio, porém, foi algo acima das expectativas, de benefício econômico não apenas para os colonos, mas também para os Estados. Era preciso cuidar da semente:

Yamada estava sozinho no pimental, na madrugada em que o sol tingia as nuvens de um leve róseo. Dentre as folhas em forma de coração, a pimenteira estendia as frágeis gavinhas como um bebê manhoso a exigir carinho (CA, 133).

Durante uma certa época, na pior fase que a colônia de Acará atravessava, ela tornou-se conhecida como a “colônia do inferno” ou “colônia da malária” (p. 66). De inferno, a colônia passa a “eldorado da longevidade” (p. 171). A prosperidade, enfim, chegou. Nem as saúvas, nem a malária, nem os urubus, nada podia impedir as sementes de uma planta que tinha a forma de coração.

Referências

Cronologia da Imigração Japonesa no Brasil – edição aumentada da obra elaborada por Tomoo Handa. São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996.

TOYODA, Toyoko. *A Road to kanji*. Tokyo, Bonjinsha, 1990.

TSUNODA, Fusako. *Canção da Amazônia*. Trad. Jorge Kassuga. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.